

*Ana Luísa Luz – Estágio na Rede para a conservação de tartarugas marinhas do Estado de Jalisco, México
Agosto e Setembro de 2008*

No ano lectivo de 2007/2008 frequentei o curso de mestrado em Ecologia Humana na FCSH. A minha motivação em estreitar-me no estudo das ciências sociais prendeu-se sobretudo no facto de toda a minha vida de estudos se ter direccionado, até aí, para as ciências naturais e de ter percebido que não pode haver um estudo completo dos sistemas naturais sem a devida inclusão de todos os seres que os habitam e usufruem dos seus recursos. Concluí então ser essencial incluir as populações humanas, no intuito de tornar mais realista a minha perspectiva sobre a tão falada conservação dos recursos naturais e da biodiversidade.

Ao longo do curso elaborei um projecto de investigação que iria constituir a minha futura tese de mestrado em que pretendi incluir, e de alguma forma contrapor, a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento local, tendo como fim perceber se existem conflitos - e, existindo, de que natureza - na criação de uma área protegida em zonas habitadas desde que há memória. O estudo acabou por ser concretizado num acampamento estabelecido por biólogos da conservação no Playon de Mismaloya, uma zona protegida que tem como fim a conservação das espécies de tartarugas marinhas que ali nidificam através da sensibilização e integração da população local nas suas actividades.

Com o apoio do professor investigador que coordenava o acampamento, elaborei um questionário que submeti às populações locais. Ao todo efectuei 72 questionários em 10 localidades diferentes, umas inseridas na área protegida e outras estabelecidas nas imediações da mesma. Com o questionário pretendemos avaliar as atitudes ambientais das populações em geral e as atitudes face à área protegida propriamente dita. Recorreu-se a duas ferramentas de avaliação de atitudes, designadamente o NEP (novo paradigma ambiental) e o método da avaliação contingente (disponibilidade para pagar por um determinado recurso ou disponibilidade para receber para deixar de usar determinado recurso). Os questionários duraram em média uma hora cada um, dependendo não só da disponibilidade do entrevistado para responder longamente, mas também da minha capacidade de transmitir aquilo que pretendia ao entrevistado. E esse é um aspecto que gostaria de focar. De facto tive dificuldade em muitos casos em passar a informação que pretendia. Na verdade ao longo do trabalho questioneei a metodologia ao ponto de estar convencida hoje de que não foi usada a melhor forma de abordagem para um ambiente maioritariamente rural. Senti que grande parte das questões não era entendida pela grande maioria dos entrevistados. Conceitos que são utilizados nas questões que compõem o NEP, por exemplo, não existem naquelas comunidades.

Naqueles dois meses aprendi muito. Aprendi sobretudo que o que lemos/ouvimos nos clichés da conservação, grande parte das vezes ignora as vivências de quem depende directamente dos recursos. Para além disso, e mais objectivamente, aprendi que uma ferramenta criada para contextos urbanos em que o conceito de “pagar por” (avaliação contingente) é facilmente assimilado - a valorização monetária do mundo é uma constante em ambientes de maior consumo - nem sempre tem directa aplicabilidade em regiões mais remotas. Ideias tão simples para a maior parte da população letrada encontraram no Playon de Mismaloya uma total falta de base que permitisse a sua assimilação ou sequer a sua concepção como possíveis realidades... o fim dos peixes no mar? O fim da floresta? Que limite espacial é esse a que chamam de planeta? Conceitos apenas inteligíveis por quem tem acesso a informação global e processa diariamente conceitos que cabem nesse mundo de inter-relações, uno e finito.